

LIXÃO E PALAFITAS DÃO LUGAR A CASAS

O “lugar de toda pobreza” se transformou na Grande São Pedro

▄ NATALIA BOURGUIGNON
nbourguignon@redgazeta.com.br

Enquanto o poder público discutia a urbanização do aterro da Comdusa feito na Praia do Suá e Praia do Canto, do outro lado da ilha de Vitória, outra área era ocupada. A região que hoje é denominada de Grande São Pedro, com 10 bairros, cresceu em cima das palafitas, do mangue e do lixo. Os aterros e urbanização só vieram mais tarde, principalmente depois do documentário-denúncia “Lugar de Toda Pobreza”, que expôs ao mundo a situação de miséria dos moradores do local. Hoje são 33.746 moradores, segundo o IBGE.

“Vitória aprendeu muito. A gente tem um grande trauma que é a coisa do lixo do filme do Amylton de Almeida, que foi uma vergonha nacional. Ali a gente criou ideias para o lugar, observando o comportamento”, afirma a arquiteta e urbanista Clara Luíza Miranda.

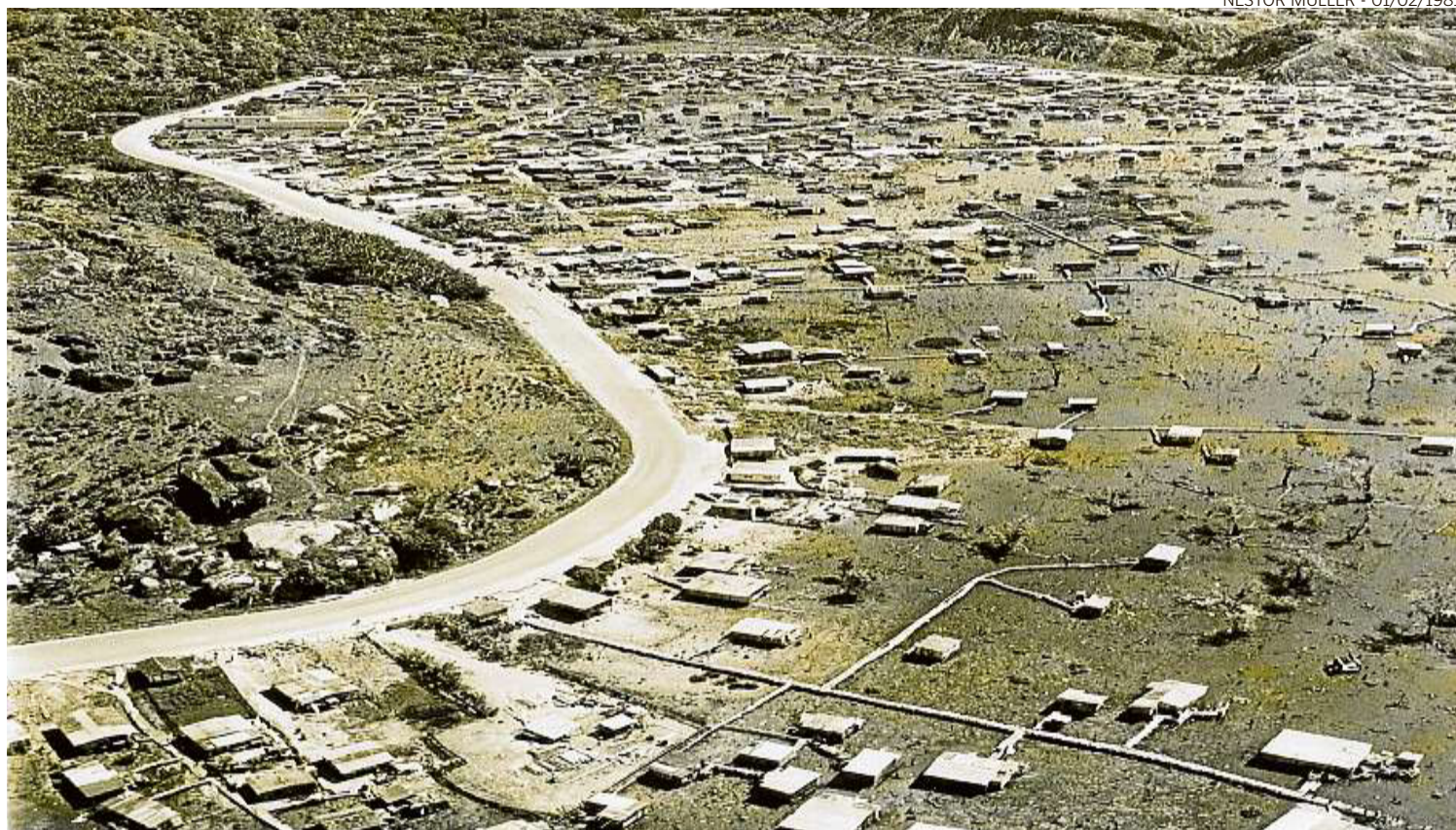
A Ilha das Caieiras começou a receber, na década de 70, famílias vindas do interior em busca de emprego nas grandes indústrias que haviam se instalado na Capital. Com moradias precárias sobre o mangue e o lixo, o local foi uma alternativa habitacional para migrantes pobres.

“Era barraco de madeira. Quando a maré subia, a água invadia a casa. A gente tinha que atravessar pelas palafitas. Foi muita dificuldade, muita luta”, conta Elza Rezende da Silva, 54, moradora do bairro Resistência há 30 anos.

Visto do alto, o emaranhado de barracos, pinguelas e palafitas lembrava uma teia. Essa teia se expandiu até meados de 1980, quando foi anunciado o primeiro programa da prefeitura para aterro e urbanização do local, o Promorar.

No entanto, a valorização do local conseguida com o projeto levou a uma outra onda de invasões, resultando em vários São Pedro (II, III, IV e V). “Toda vez que você faz uma intervenção sobre o valor do imóvel. Você tem um endereço, uma estrutura, luz e água na casa... Daí a pessoa alugava, vendia, pegava o dinheiro e ia ocupar o mangue atrás ou em cima de um morro”, conta a urbanista Clara Luíza.

O próprio lixo, que servia de fonte de renda para os catadores e moradores da ocupação, foi um dos materiais usados para aterrar lotes e ruas. Pouco a pouco, a região foi ganhando ares de bairro, uma conquista da organização popular.



NESTOR MÜLLER - 01/02/1981

Palafitas margeadas pela Avenida Serafim Derenzi, em Vitória, no início da formação do bairro São Pedro, na década de 80



“PARA VIVER, TODO MUNDO PEGAVA ÁGUA DE POÇO”

▄ “Eu e minha família somos moradores de Resistência, na Grande São Pedro, desde a invasão, no mangue. Por muito tempo as casas daqui não tinham instalação de água, nem luz... Vivíamos com lamparina e vela. Então, para viver, todo mundo pegava água de poço para beber e usar na cozinha. Há vários ainda espalhados pelo bairro e ainda dá para

usar a água deles quando é necessário. Um deles é no quintal da minha casa, que fica na hoje chamada Rua da Luta. As pessoas vinham, e iam pegando até esvaziar. Quando isso acontecia eu descia dentro do poço, limpava e esperava até encher de novo.”

— ARGENTINA LAURIANO
APOSENTADA, 83 ANOS



“NÓS LUTAMOS PARA GARANTIR A CADA UM A SUA CASINHA”

▄ “Minha mãe foi uma das fundadoras de Resistência. Antes a gente morava em Santo André. Houve muita luta. Uma parte do bairro era seca e a outra era mangue, onde eram as palafitas, vários barracos. A segunda rua do bairro foi a Velha Domingas, que foi aterrada com lixo e dali começou a programação de aterro. Foi quando a comunidade resistiu por-

que não queria que fosse feito tudo com lixo. Então no aterro foi usado terra, removendo os barracos, e dando dignidade para as famílias. Hoje, outra rua do bairro se chama justamente Rua da Luta porque todo mundo lutou para garantir a sua casinha, seu terreno.”

— JOÃO BATISTA VENÂNCIO
SUPERVISOR DE PORTARIA, 39 ANOS

ENTREVISTA

Jolindo Martins Filho

“Havia uma pressão para povoar o Norte de Vitória”

Arquiteto foi responsável pela urbanização de grande parte de Vitória

CARLA SÁ
carla.sa@redgazeta.com.br

Acostumado a velejar nas regatas em que participava na juventude pela costa de Vitória, foi natural para o arquiteto Jolindo Martins Filho, 73 anos, pensar em um projeto quando o chamaram para pensar a urbanização de uma nova área da cidade, na década de 70. “Passei a adolescência velejando. Conheço os detalhes da costa da nossa ilha de dentro da água”, diz.

A Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano (Comdusa), órgão ligado ao governo do Estado, iria fazer um aterro hidráulico onde hoje está a região da Enseada do Suá, parte da Praia do Suá, a orla da Praia do Canto e a Curva da Jurema. O novo espaço foi criado em cima da areia dragada do fundo do mar.

Parte do projeto, diz Jolindo, foi modificado por terceiros. Mas não é possível pensar a cidade hoje sem o principal legado de seu projeto, que transformou a cidade: uma grande via ligando o Centro à Praia de Camburi.

O que justificou o aterro?

Primeiro veio o enrocamento (parede de blocos de pedras dentro da água) que ligou do cantinho da Praia do Suá às ilhas do Fato, Bode, Sururu e a Ilha do Boi. Essa estrutura foi feita por conta das correntes marítimas que entram entre as ilhas do Frade, do Boi e a Ponta Formosa, que carregavam areia e as depositava no canal de acesso à Baía de Vitória (sem o material assentar no canal, seria possível a entrada de navios com maior calado). Acontece que a areia continuava chegando pelas correntes e se depositando na região do enrocamento, o que fez o fundo do mar ali subir e criou um depósito de lodo com urubus comendo os restos de peixes.

Foi o primeiro aterro feito pela Comdusa?

Não, eles também já tinham feito o da região da Ilha do Príncipe e onde hoje estão o Sambódromo e a Rodoviária. Mas a Comdusa voltou os olhos para aquela área



Vista do bairro Praia do Canto no período de aterro e urbanização. FOTO: GILDO LOYOLA - 21/06/1981

perto da Praia do Suá depois. A ideia era sair um projeto integrado entre Enseada e Ilha do Boi. No total, demorou cerca de dois anos sobre o mar para o aterro de 1,2 km² finalizar.

Como entrou nessa história?

Eu sou nascido em Vitória, criado na Praia do Canto. Passei a adolescência dentro do Iate Clube velejando. Conheço os detalhes da costa da nossa ilha de dentro da água. Tinha uma função no governo e fui chamado primeiro para urbanizar o entorno da Pedra da Western, na Praia de Santa Helena. Depois a Ilha do Boi. Gostaram e chamaram para o aterro na Enseada. A ideia era alargar a costa, possibilitando a criação de uma via mais larga, e integrar com a ponte de acesso a Ilha do Frade, que já estava sendo pensada. Além disso, criar um parque, o que hoje é a área das praças dos Namorados, dos Desejos e da Ciência.

Como foi pensada a via que liga Camburi ao Centro?

Havia uma pressão para povoar o Norte de Vitória, onde hoje estão Jardim da Penha e Jardim Camburi, uma tendência de crescimento. Inicialmente, propus que a via que ligasse o Centro a essa região fosse por dentro, iria sair em frente à entrada do Aeroporto.



Jolindo Filho: “Conheço os detalhes da ilha de dentro da água”

Mas não foi possível porque já havia projeto de um condomínio em Jardim da Penha justamente onde passaria a estrada. Então, minha proposta foi interligar a Beira-Mar com uma via que foi chamada de Nossa Senhora dos Navegantes e que, depois que Américo Buaiz faleceu, ganhou o nome dele após a subida da Terceira Ponte.

Qual era a ideia das superquadras?

A gente propôs que fizesse o sistema viário principal com as chamadas superquadras. Um dia a Comdusa quis vender essas quatro superquadras (no miolo da Enseada) e convocou empresários de alto poder aquisitivo. Em pouco mais de uma hora, todas foram vendidas. Isso serviu para pagar as multas, os débitos de infraestrutura, os empréstimos. Mas depois dividiram essas quadras e criaram ruas que não estavam no projeto. E perto do mar pensei prédios com oito pavimentos, não com 30. Isso foi a legislação posterior que foi mudando.

A urbanização do aterro ficou muito diferente do que o planejado?

Tem muita modificação que eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre elas. Onde está o shopping, por exemplo, era uma área residencial unifamiliar. Sofri muita oposição e crítica por ter participado do projeto de implantação do aterro. Eu pergunto, sem esta via, Vitória teria crescido o que cresceu? Essa via se justificou ou não através do tempo? Se ela não existisse da década de 70 para cá, como estaríamos com esses bairros do Norte?

VEJA NA WEB

www.gazetaonline.com.br



PROGRAMAÇÃO
Confira mais entrevistas, fotos e vídeos sobre os aterros de Vitória.
leia.ag/vitoria

LEIA AMANHÃ: Os impactos ambientais causados pelos aterros na Capital.